

# O RECIFE DE LAMA NO CONTO “O DESPERTAR DOS MOCAMBOS”

Thiago Azevedo Sá de Oliveira (Doutorando em Letras pela UFPA)

## RESUMO

Com base na leitura do conto “O despertar dos mocambos” (1936/1937), de Josué de Castro (1908-1973), este artigo procura interpretar o processo de significação do espaço de mocambo do Recife presente na contística josueniana. No referido texto, a paisagem assume o papel de protagonista, uma vez que evidencia a experimentação de valores culturais, discursivos e sociais, em curso na ação narrativa. Nos termos que Michel Collot (2012) enuncia o conceito de *Geocrítica*, isto é, estudar menos os referentes ou as referências de que o texto se nutre e mais as imagens e significações que ele produz, busca-se analisar o conto “O despertar dos mocambos” em vista de observação que acompanha a criação imaginária da “mucambópolis”. Atualmente, a obra josueniana interage tanto com a ampla consulta sociológica, quanto com a abordagem recente da teoria literária. Mais do que revelar a moldura da capital pernambucana, a apreciação do conto “O despertar dos mocambos” oferece a possibilidade de repensar a relação entre a paisagem e a escrita ficcional.

**Palavras-chave:** Conto. Geocrítica. Josué de Castro. Mocambo. Recife.

## ABSTRACT

Based on the reading of “O despertar dos mocambos” (1936/1937) tale, of Josué de Castro's (1908-1973), this article seeks to interpret the process of significance of Recife's mocambo space present in the josueanian's narrative. In the mentioned text, the landscape assumes the role of protagonist, since it evidences the experimentation of cultural, discursive and social values, underway in the narrative action. According to Michel Collot (2012), the concept of *Geocrítica*, that is, to study less the references or references that the text is nourished and more the images and significations that it produces, seeks to analyze the “O despertar dos mocambos” tale in view of observation that accompanies the imaginary creation of the mucambópolis. At present, the work of josueanian's ficcion interacts with both the broad sociological consultation and the recent approach to literary theory. More than revealing the frame of the capital of Pernambuco, the appreciation of the story “O despertar dos mocambos” offers the possibility to rethink the relation between the landscape and the fictional writing.

**Keywords:** Tale. Geocrítica. Josué de Castro. Mocambo. Recife.

## O JOSUÉ-LITERÁRIO

A obra de Josué de Castro, notabilizada pelo sucesso do livro *Geografia da fome* (1946), responde ainda pelo conjunto de textos que demonstra o interesse do autor pelas artes e pelas letras. Pouco familiar ao público contemporâneo, o Josué-literato acompanha a formação médica do homem de ciência<sup>1</sup>, embora tenha o cientista adquirido maior prestígio que o poeta, contista e romancista<sup>2</sup>. Revisitar a produção literária deste escritor contribui para entender a feição cultural e ética de sua bibliografia. A presente análise adianta-se, de modo a expor como a leitura expansiva da arte empresta à obra do cientista linguagem leve e prosaica, avessa ao tecnicismo que se espera do também acadêmico.

A leitura atenta de poemas, contos e romances de terceiros anima Josué de Castro a ingressar na atividade literária. No período que se estende de 1927 a 1930, Castro dedica-se à composição de sete poemas, dentre esses, “Raça Preta”, publicado no *Diário da Manhã* (RJ), em 1927, e “Namoro”<sup>3</sup>, veiculado na *Revista de Antropofagia* (SP), na edição de novembro de 1928. Seus versos revelam a liberdade do jovem poeta, à época, com apenas 19 anos. A pequena mostra poética do autor incorpora temáticas universais, a exemplo do amor, da imaginação e do sonho.

Durante a segunda metade da década de 1930, as dificuldades enfrentadas por Josué de Castro, no intuito de exercer a Medicina no cenário carioca, conduzem o especialista da nutrição para o universo das letras. O aceite de jornais e revistas do Recife, Rio de Janeiro e São Paulo ao envio de contos, crônicas, ensaios e poemas, além de viabilizar à permanência de Castro na antiga Capital Federal, garantem ao médico relativo prestígio junto à comunidade artística.

Entre os anos de 1920 e 1960, os ensaios e crônicas escritos por Josué de Castro servem ao leitor de textos que atendem à expectativa de valorizar o fazer artístico nacional. Neste sentido, localiza-se a interpretação do autor para o romance *O Moleque Ricardo* (1935)<sup>4</sup>,

---

<sup>1</sup> Em 1925, na condição de estudante de Medicina, Josué de Castro redige o ensaio “A doutrina Freud e a litteratura moderna”, transmitido ao leitor por meio da *Revista de Pernambuco*.

<sup>2</sup> No ano de 1946, os estudos conduzidos pelo médico pernambucano sobre a alimentação no Brasil culminam na publicação do livro *Geografia da fome* (1946). Traduzido em 15 idiomas, o volume rende ao autor inúmeras premiações, dentre essas, o Prêmio José Veríssimo, concedido pela Academia Brasileira de Letras, em 1947 (Cf. MENEZES, 2004).

<sup>3</sup> “Um arsinho frio / fazendo frufu na cara da gente / e a gente fazendo calentura de beijos na noite friorenta / Tá com as mãos frias? Meu bem – Mas tou com o coração quente, amorsinho!” (CASTRO, *Revista de Antropofagia*, p. 4, nov. 1928).

<sup>4</sup> (CASTRO, *Correio de S. Paulo*, de nov. 1935).

de José Lins do Rêgo Ao passo que sinaliza a atmosfera de mudanças culturais e políticas em curso no Brasil do começo do século XX, os ensaios e crônicas do Josué-literato evidenciam no conjunto de obras, valores culturais e ideológicos que reivindicam a autonomia da arte brasileira ante à dominância histórica do pensamento europeu.

No ensaio “Independência artística do Brasil”, exibido no jornal carioca *A Nação*, em 29 de dezembro de 1935, Castro tece comentário que se antecipa à proposição suscitada por Gilberto Freyre, em *Sobrados e mucambos* (1936)<sup>5</sup>. O estudo freyreano aborda a hipótese da “ambiguidade” cultural brasileira, assim delineada pelo sociólogo a partir de análise que observa o trânsito entre a tradição patriarcal e a influência da Europa burguesa (SOUZA, 2000). Castro, por sua vez, critica a visão europeizada que predomina sobre o gosto nacional, permeando a atmosfera do debate travado por regionalistas e modernistas. Esta leitura se concentra nos possíveis efeitos causados pelo distanciamento do público brasileiro das produções latina e nacional<sup>6</sup>.

No cenário da prosa, o conto “O ciclo do caranguejo”, reproduzido pelo periódico paulista *A Platéia*, em 30 de março de 1935, registra a aparição do escritor pernambucano no âmbito da narrativa ficcional. Em 16 de fevereiro de 1936, Josué de Castro dá continuidade à atividade literária do então multifacetado contista. O autor oferece ao público o conto “O despertar dos mocambos”, exibido simultaneamente pela *Revista para Todos* (Recife) e pelo *Diário Carioca*, (a última, cf. figura 1).

### Figura 1 – Recorte da publicação de “O despertar dos mocambos”

---

<sup>5</sup> Para Rezende (2001, p. 190), “*Sobrados e Mocambos* objetiva reconstituir e interpretar o patriarcalismo no Brasil a partir de pessoas e de instituições que lhe deram materialidade. Ao cobrir os diversos aspectos deste sistema, Gilberto Freyre detalha as mudanças ocorridas no seu interior em vista, fundamentalmente, dos elementos extrapolíticos, ou seja, culturais. Segundo ele, o processo de decadência do patriarcalismo no país elucida a vigência de um equilíbrio de antagonismos e de uma interpenetração étnico-cultural que se firmam às sombras das casas-grandes e que passam a ordenar a sociedade brasileira e as suas transições”

<sup>6</sup> “Proust em todas as bibliotecas, Anatole na boca de todo o mundo. Mariano Azuela e Díaz Miron inteiramente desconhecidos. No Brasil então, a coisa é típica: todo rapazinho que faz os piores versos do mundo e publica artigos exclusivos para a leitura dos parentes próximos, conhece como a palma de sua mão, todo o movimento modernista da França, com suas decadentes escolas dadaístas e surrealistas, mas, é bem capaz de ignorar, que na nossa capital mora um poeta maior que Rimbaud, e que tem o nome brasilicamente simples de Jorge de Lima. E ignora na certa, quanto Aluísio de Azevedo é admirado na Inglaterra e Mario de Andrade conhecido na América do Norte” (CASTRO, 1935d, p. 1).

# Diário Carioca

Rio de Janeiro, Domingo, 16 de Fevereiro de 1936

## O Despertar dos Mocambos

JOSÉ DE CASTRO

O Recife, cidade das rios, das pontes e das antigas residências palacianas, é também a cidade dos mocambos — casebres de barro batido a soppapo, com telhados de capim, de palha e de folhas de flandres.

Na manhã fria de junho, quasi noite, vem chegando os balaios carregados de frutas e verduras pela estrada de Afogados. Saíram dos seus mocambos alta madrugada, com os gritos cantando os seus respondendo lá fóra, de dentro da noite escura. A estrada arrasta da palma chovendo de maio, cido lama só. Os pés chatos dos balaios se estendem na terra mole, espirrando barro por entre os dedos.

Nesta hora incerta, ainda com a cêr da noite, mas já seprando um aranhão da manhã, a estrada do Molocolombó se perde invisível no meio dos mangues, com os seus mocambos ainda apagados dormindo na placidez do diazo. Só de longe, vê-se uma porta aberta por onde se projecta uma luz lãca e um ralo de fumaça do alcovitelro da kérozeira. É alguma vendinha ou botecinha que abra cedo para fazer negócio com os balaios.

Vender aguçadete, bolacha, rosca, café pra esquentar o fígado, ferrar o estomago dos moduradores. Pouco a pouco uma luz muito tenue vai limitando o contorno da estrada por onde os balaios, curvados ao peso do calho torto da carga, maliziando da lama e da sorte, vão puxando na perna pra que antes do dia amanhecer de tudo estejam abandonados nas feiras do Bacurau, Encruzilhado ou da Casa da Amarella.

Bruscamente, há uma capello de precipitação na claridade leitosa do ar e, zifando roto como num lambar, dea-ha em grossos pingos d'agua, uma chuva incommoda e fria. Os balaios reitam deprecação dos seus balaios a colpea com que embulham os lanmancos e ponto-a na cabeça com cada grotesca fantasia de mendigo da idade média, no largo da feira. Fira a chuva com a saída do sol, e de repente, apitos desolados, irrompem no ar. São as falabas robandando acite pra seu tra-

halho, acordando o pessoal de Afogados, de Santo Amaro, da Ilha do Leite. E os mocambos que ainda dormem, despertam com esses apitos, uns mais rápidos e violentos, outros mais distantes, mais roncetos. Pelas aretas das portas, pelas frestas dos telhados dos casebres, começa a escapar fumaça, cietro de café, ruído de tosse e de choro de criança. Abrem-se depois as portas e apparecem na rua os seus moradores com as caras cansadas e mol dormidos. Os homens apressados, com o almoço numa latinha debaixo do braço, as mulheres mais lentas, com uma carga mais saltifelta, arregangando as saias procurando lugares mais exuítos, puãndo com cuidado as pecas de lama, com horror da agua fria. A meuniada solta também vai calindo os mudos. Os meninos, os maiorzinhos com qualquer trapo cobrindo o sexo, todos se atolando na lama com gosto, sem cerimonia como quem está em seus comedidos, com o corpo descoberto indifferente a filo e aos mosquitos que lambem por entre as folhas gordas dos mangues.

Com o despertar do dia ficam varios tolos os mocambos, saindo os homens pra trabalharem nas fabricas, carregarem e descarregarem os navios e as mulheres pra cozinhar e lavarem nas casas ricas, os meninos pra vngsbundarem, tomarem conta das suas, entrarem de lama a dentro pra pegar caranguejo. Até os alelões e os cegos que moram nos mocambos sem, pra mendigar pela cidade. O bairro fica deserto: o sol brilhando, dando reflexos pretados, mas aguas lamentosos dos mangues, os caranguejos imóveis escumando na beira da água. (Deante do dia inteiro a paisagem dos mocambos é uma paisagem morte). Numa trepidação assustadora passa, bema por cima, o avião de flandres. O ruído vai crescendo, crescendo, treme com o ar, com os mocambos, com os caranguejos de otilinhos em pé, assustando, depois vai diminuindo, diminuindo, até se extinguir inteiramente.

E um cilo — dulçoso vultu — a cidade deserta dos mocambos.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em:  
[www.memoria.bn.br/DocReader/093092\\_02/1346](http://www.memoria.bn.br/DocReader/093092_02/1346)

Sem perder de vista a relação entre o espaço e seus habitantes, o narrador de “O despertar dos mocambos” põe em tela estórias da mucambópolis; da cidade dos mocambos, das “choças, dos casebres de barro batido a soppapo, com telhados de capim, de palha e folhas de flandres” (CASTRO, *Diário Carioca*, p. 13, 16 de fev. 1936). Longe do Recife, o título escolhido pelo autor, a fim de localizar em capítulo de livro a leitura do conto, reforça no *Documentário do Nordeste* o desejo de expressar “a paisagem viva do Nordeste” (CASTRO, 1937/1959, p. 11).

Com o objetivo de compilar os contos cuja circulação inicial se deu através dos periódicos, em 1937, Castro reúne na primeira parte do livro *Documentário do Nordeste* os dois contos supracitados, integrando-os na sequência de oito contos de sua autoria. Sendo *corpus* deste artigo, a breve narrativa de “O despertar dos mocambos” revela descrições que transmitem ao leitor o imaginário sentimental dos mocambos da cidade do Recife. As personagens dessa narrativa encarnam no enredo a vida de homens que dividem com os caranguejos a paisagem de lama.

A respeito do *Documentário do Nordeste*, Silva (2015) pontua que o livro tenha usufruído da credibilidade partilhada pela editora José Olympio, selo ao qual o volume josueniano esteve vinculado em sua primeira edição. Cabe mencionar que durante a década de 1930, a José Olympio era vista como uma das maiores divulgadoras de livros de ficção no Brasil. A notoriedade do veículo contribuiu para anunciar o surgimento do ficcionista Josué de Castro.

O plano discursivo de “O despertar dos mocambos” desvia-se de premissa que visa a extrair do texto o contexto referencial e sociológico do Recife. Em vista da paisagem de lama, o referido conto josueniano atribui à literatura o lugar de memória, projetando por meio da escrita o imaginário cultural<sup>7</sup> da mucambópolis. Mais do que ciceronear o leitor entre os becos e pontes da capital pernambucana, o narrador se coloca como agente de ação que expande a leitura do espaço, dotando-o de características humanas.

A personificação da paisagem no conto “O despertar dos mocambos” admite observar esta ficção de Castro à luz da *Geocrítica*, base que sustenta as múltiplas relações que os espaços “imaginários” mantêm com os lugares “reais” (COLLOT, 2012). A contística josueniana afina-se com o anseio crescente dos intelectuais recifenses (ou de escritores cujas obras se passam na capital pernambucana). Sua dinâmica temática e formal aprofunda prática narrativa latente nos romances *Mocambos* (1924) e, *O moleque Ricardo* (1935), escritos por Chagas Ribeiro e, José Lins do Rêgo.

## “UM CONTO SEMPRE CONTA DUAS HISTÓRIAS”<sup>8</sup>

Em vista do processo de escolha temática conduzido pelo contista, Julio Cortázar apresenta no texto *Valise de cronópio* (2006) teoria que avalia a possibilidade de um

---

<sup>7</sup> “Considerar a literatura como um *lugar de memória* implica em concebê-la como um suporte no qual os múltiplos aspectos e imagens relativas às modulações variadas da memória podem ser selecionados e reelaborados através da palavra literária [...]. Em tempos nos quais a memória espontânea torna-se incipiente, a ficção literária apresenta-se como um espaço privilegiado de memória, ou, se usarmos o conceito de Nora, como um *lugar de memória*. É passível, ainda, de ser um lugar de memória pela sua construção artificial, por ser um discurso livre e por ter a liberdade ficcional de não possuir referentes na realidade [...] A memória trabalharia, preferencialmente, com o simbólico: far-se-ia presente através da imaginação. Assim, derivamos o discurso literário como uma invenção, no sentido radical do termo, oriundo do latim *invenire*, que apresenta o duplo sentido de inventar e de inventariar. Traduz-se como um discurso rico na sua dupla capacidade de criar e, de dentro desta liberdade ficcional, trazer à tona elementos solidários à formação de memórias” (PEREIRA, 2014, p. 349).

<sup>8</sup> O nome dado à sessão reproduz a frase de Ricardo Piglia localizada no livro *Formas breves* (2004). O escritor argentino indaga acerca do caráter duplo do conto; “um relato visível esconde um relato secreto, narrado de um modo elíptico e fragmentário” (PIGLIA, 2004, p. 89).

acontecimento real ou fictício “iluminar bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta” (2006, p. 153). No conto “O despertar dos mocambos”, de Josué de Castro, o tema da paisagem se ergue como elemento referencial e formal, de modo a compor a construção expansiva da história dos mocambos em dois níveis; um periférico, que se identifica com a imagem urbana de proliferação das residências populares do Recife<sup>9</sup>, e outro, profundo, elíptico e fragmentário, que resulta na construção narrativa que absorve o imaginário inventivo da mucambópolis.

Inicialmente, o escritor pernambucano expõe a geografia dos espaços de mocambo, adiantando ao leitor cenas cotidianas que recuperam de modo subjetivo a rotina dos bairros da Cidade (Afogados, Casa Amarela, Encruzilhada, Ilha do Leite, Santo Amaro). Em seguida, o contista extrai da paisagem metamorfoseada de lama e de água onde vivem os homens e os caranguejos, enredo que contempla o itinerário do espaço, em constante interação com seus habitantes.

Arrais (2015, p. 224) recorda que durante as primeiras décadas do século XX, o a intelectualidade recifense nutre o desejo de, “através da escrita, percorrer a cidade e definir lhe as molduras”. Narrado em terceira pessoa, o conto “O despertar dos mocambos” torna complexa a descrição humana e subjetiva do espaço de mocambo, uma vez que toma a paisagem como quadro, superando os limites de moldura. Não obstante, a forma precária como o tempo é assinalado, perfaz ação que potencializa a importância do espaço.

O conto “O despertar dos mocambos” possui sua ação articulada por duas sequências narrativas que acompanham a oscilação tempo-espacial do “dormir” e “despertar” dos mocambos. *A priori*, a paisagem incide sobre o homem, marcando-lhe os pés de lama, impondo-lhe desafios a sua trajetória (estrada arrasada, terra mole, etc). O homem, por sua vez, ao transitar sobre o espaço, humaniza-o e, por fim, projeta-lhe memória, em mecanismo que resulta na mediação discursiva de valores afetivos e sociais. Destarte, o narrador apresenta o enredo;

Na manhãzinha fria de junho, quase noite, vêm chegando os balaieiros carregados de frutas e verduras, pela estrada de Afogados. Saíram de seus mocambos alta madrugada, com os grilos cantando, os sapos respondendo lá fora, de dentro da noite escura. A estrada arrasada, pelas chuvas de maio,

---

<sup>9</sup> “Se, pelo censo de 1913, os mocambos perfaziam um total de 16.347 prédios ou 43,3% dos prédios existentes, no de 1939 eles totalizavam 45.581, abrangendo 63,7% dos imóveis da cidade. Se em 1913 os mocambos não só “cercavam a cidade como um babado” como estavam “enquistados em áreas mais urbanizadas”, em 1939 essa situação devia ser aterradora. Já não se diferenciava a figuração da cidade da imagem do mocambo” (PONTUAL, 2001, p. 427).

está lama só. Os pés chatos dos balaieiros se enterram na terra mole, espirrando barro por entre os dedos. [...] Nesta hora incerta, ainda com a cor da noite, mas já soprando um arzinho da manhã, a estrada do Motocolombó se perde invisível no meio dos mangues, com os seus mocambos ainda apagados, dormindo na placidez do charco (CASTRO, *Diário Carioca*, p. 13, 16 de fev. 1936).

Ao evocar os elementos da cena regional, a descrição introdutória invoca a construção do espaço literário contido na paisagem. O conto de Castro, além de situar as personagens por metonímia, as imagina como metáforas do espaço. O raciocínio se ajusta às funções que Reuter (2007) confere ao espaço da narrativa, isto é, de “descrever o personagem por metonímia - o lugar onde ele vive e a maneira como ele mora indicam, em consequência, o que ele é; Descrever a pessoa por metáfora - o lugar que ele contempla remete, por analogia, ao que ele sente”.

Sendo, ao mesmo tempo, referencial e conotativo, o espaço contribui para engendrar a complexidade discursiva do conto josueniano. A estratégia narrativa utilizada por Castro se aproxima da comparação que Cortázar (2006) estabelece entre o contista e o fotógrafo. Segundo o escritor argentino, o contista e o fotógrafo sentem a necessidade de escolher e limitar uma imagem ou um acontecimento que sejam significativos, “como uma espécie de abertura, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário” (CORTÁZAR, 2006, p. 151-152).

No conto “o despertar dos mocambos”, a ação desenvolvida se despe da pretensão de reproduzir a moldura social da Cidade, ao passo que atribui ao componente telúrico papel de destaque na organização formal do enredo. A experiência traduzida pela exploração difusa da paisagem dos mocambos, estimula Josué de Castro a captar o instante cronológico de forma lacunar, permitindo ao texto a possibilidade de expandir o registro do ambiente em elemento substancial de linguagem<sup>10</sup>. Com brevidade e intensidade, o conto josueniano traceja sobre o enredo o contorno significativo de universo ficcional que funde o espaço e o homem<sup>11</sup>.

Bruscamente, há uma espécie de precipitação na claridade leitosa do ar e rufando no chão como um tambor, desaba em grossos pingos d’água uma

---

<sup>10</sup> Candido (2008, p. 14-15) abaliza que, “ao analisar a intimidade das obras, o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar”.

<sup>11</sup> Ao sintetizar teoria que norteia o estudo do conto, Gotlib (1985) se depara com a problemática do termo “realidade”. A este respeito, a indagação feita pela autora acerca de “qual” realidade estaria presente no conto, engloba a diversidade do conto em “registrar” realidades que podem ser cotidianas, fantasiadas, ou ainda, “contadas” literariamente.



chuva incômoda e fria. Os balaieiros retiram depressa dos seus balaios a estopa com que embrulham os tamancos e pondo-a na cabeça em forma de capuz, entram com esta grotesca fantasia de mendigos da Idade Média, no largo da feira. Para a chuva com a saída do sol, e de repente, apitos desvaíados irrompem no ar. São as fábricas chamando gente para seu trabalho, acordando o pessoal de Afogados, de Santo Amaro, da Ilha do Leite. E os mocambos que ainda dormem despertam com esses apitos, uns mais ríspidos e violentos, outros mais distantes, mais ronceiros. Pelas gretas das portas, pelas frestas dos telhados dos casebres, começa a escapar fumaça, cheio de café, ruído de tosse e de choro de criança. Abrem-se depois as portas e aparecem na rua os seus moradores [...] (CASTRO, *Diário Carioca*, p. 13, 16 de fev. 1936).

O uso do advérbio “bruscamente”, introduz ação verbal que expressa a ruptura da narrativa com a sequência anterior associada ao “dormir” dos mocambos. O processo de adjetivação dos marcadores espaciais, a exemplo de “claridade leitosa do ar” e “chuva incômoda e fria”, provoca a imaginação do contista, a ponto do narrador do conto transformar os balaieiros, vestidos com capuz de estopa, em mendigos da Idade Média. A cena que toma por fantasiosa a realidade dos balaieiros, culmina no clímax, que se dá no enredo mediante a precipitação do despertar dos mocambos.

Em detrimento do barulho emitido pelo apito das fábricas, quando incitado a despertar, os mocambos trazem à ficção a vivência sensorial da paisagem, assim experimentada por meio de “cheiro de café”, do “ruído de tosse e de choro de criança”, “das caras cansadas e mal dormidas” de homens apressados, das “mulheres mais lentas” e da “meninada nua, caindo no mundo” (CASTRO, 1936). Privilegiando a “visão” do espaço, o conto josueniano parte da metamorfose que se dá na paisagem em movimento, sendo o homem, a expressão metonímica do “dormir/despertar dos mocambos”. A despeito disso, o fragmento abaixo corrobora;

Com o despertar do dia ficam vazios todos os mocambos, saindo os homens para trabalhar nas fábricas, carregar e descarregar os navios, as mulheres para cozinhar e descarregar os navios, as mulheres para cozinhar e lavar nas casas ricas, os meninos prá vagabundagem, tomar conta das ruas, entrar de lama a dentro para pegar caranguejo. Até os aleijados e os cegos que moram nos mocambos saem, para mendigar pela cidade. O bairro fica deserto; o sol brilhando, dando reflexos prateados, nas águas lamacentas dos mangues, os caranguejos imóveis espumando na beira d'água. (Durante o dia inteiro a paisagem nos mocambos é uma paisagem morta). Numa trepidação assustadora passa, bem por cima, o avião da Panair. O ruído vai crescendo, crescendo, treme com o ar, com os mocambos, com os caranguejos de olhinhos em pé, assustados, depois vai diminuindo, diminuindo, até se extinguir inteiramente. E um silêncio opressivo volta a abafar a cidade deserta dos mocambos (CASTRO, *Diário Carioca*, p. 13, 16 de fev. 1936).

No relato acima, o conto põe em cena descrição espacial que discerne na “morte da paisagem” o despertar da vida quase invisível, ali acontecendo. Não obstante, o silêncio transcende a qualquer filiação imediata com a morte, uma vez que a paisagem deserta condensa nas imagens que remetem ao “brilho do sol”, “o lamacento dos mangues” e “à monotonia dos caranguejos” o conflito inerente à alternância do “despertar/dormir”.

No plano narrativo, o índice movido pelo esvaziamento dos mocambos corresponde à temporalidade de transição da paisagem em movimento. Logo, o homem é introduzido pelo conto josueniano na condição de metonímia de espaço que hibridiza valores históricos, sociais e naturais. *A posteriori*, a trepidação mediada pelo índice do “avião da Panair”, atua junto à organização textual, de modo a salientar o recomeço da narrativa. Assim, à medida que o ruído cresce, o espaço, desperto, aquece a estrutura formal da ficção.

No âmbito da construção discursiva do conto, ao passo que a interação humana com o espaço é desacelerada, reduz-se também a tensão verbal; acarretando à narrativa o retorno a sua origem latente. Por esse motivo, a dinâmica do espaço/personagem na articulação complexa do enredo pode ser sintetizada mediante a alternância de posições assumidas pela paisagem. No conto, quando os homens acordam, a alegoria dos mocambos desempenha papel de protagonista na criação fictícia de estórias da mucambópolis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A posição ativa do espaço, na condição de elemento significativo do conto, marca na proposta literária do autor pernambucano a inscrição da paisagem como agente do discurso narrativo. Josué de Castro, embora tenha vivido a maior parte de sua vida exilado de sua cidade natal, em sua ficção, não perde de vista o Recife que o viu nascer. O ficcionista não se olvida da híbrida identidade cultural e histórica de seu nascedouro. A analogia com o mundo de lama (meio-terra, meio-água, onde vivem os homens e os caranguejos) aparece espelhada no texto pelo índice do mocambo, dada a fluidez imagética expõe a própria caracterização movediça da narrativa.

Subtende-se na análise do conto “O despertar dos mocambos”, o aproveitamento narrativo de memórias extraídas do imaginário alimentado pelo espaço. A imbricação do literário com o social empresta a esta ficção sua tonalidade viva, cuja densidade expansiva fragmenta a historicidade do relato. Esta narrativa, ao não se esquivar dos contrastes que

permeiam o processo de ocupação urbana do Recife, cristaliza a preocupação humanística da obra josueniana. Aqui, o projeto estético do escritor impõe-se sobre a pretensão do cientista. O discurso literário encerrado pelo conto, embora mantenha proximidade com o contexto, pluraliza o contorno, explorando as nuances criativas da linguagem.

## REFERÊNCIAS

- ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. Escrevendo e cartografando a cidade do Recife na passagem para o século XX. **Cahiers des Amériques latines**, p. 48-49, 2005.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.
- CASTRO, Josué. A doutrina de Freud e a literatura moderna. **Revista de Pernambuco**, Recife, 1925.
- \_\_\_\_\_. Raça Preta (poema). **Diário da Manhã**, Rio de Janeiro, 1927.
- \_\_\_\_\_. Namoro (poema). **Revista de Antropofagia**, São Paulo, p. 4, nov. 1928.
- \_\_\_\_\_. O romance do Nordeste. **A Platéia**, São Paulo, 15 de mar. 1935a.
- \_\_\_\_\_. O Ciclo do caranguejo (conto). **A Platéia**, São Paulo, 30 de mar. 1935b.
- \_\_\_\_\_. Moleque Ricardo. **Correio de S. Paulo**, de nov. 1935c.
- \_\_\_\_\_. Independência artística do Brasil. **A Nação**, Rio de Janeiro, 29 de dez. 1935d.
- \_\_\_\_\_. O despertar dos mocambos (conto). **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, 16 de fev. 1936.
- \_\_\_\_\_. **Documentário do Nordeste** (1937). 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1959.
- COLLOT, Michel. Rumo a uma geografia literária. Trad. Ida Alves. **Gragoatá**, n. 33, p. 17-31, 2. sem. 2012.
- CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. **Valise de cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano (1936). 15. ed. São Paulo: Global, 2004.
- GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do Conto**. São Paulo: Ática, 1985.
- PEREIRA, Danielle Cristina Mendes. Literatura, lugar de memória. **Soletras**, n. 28, p. 344-355, jul/dez. 2014.

- MENEZES, Francisco Reginaldo de Sá. **Josué de Castro: por um mundo sem fome**. São Paulo: Mercado Cultural, 2004.
- PONTUAL, Virgínia. Tempos do Recife: representações culturais e configurações urbanas. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 21, n. 42, p. 417-434, 2001.
- RÊGO, José Lins do. **O Moleque Ricardo** (1935). 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.
- REZENDE, Maria José de. A obra ‘Sobrados e Mocambos’ e a mudança social no Brasil. **Revista USP**, n. 51, p. 190-207, set/nov. 2001.
- REUTER, Yves. **A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração**. Trad. Mário Pontes. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.
- RIBEIRO, Chagas. **Mocambos**. Recife: Edições Mozart, 1924.
- SILVA, Tânia Elias Magno da (Org.). **Josué de Castro**. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.
- SILVA, Wagner Carlos da. **À flor das águas: a imagem do Recife em Josué de Castro**. Dissertação em História. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2015.
- SOUZA, Jessé. Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira. **Tempo Social**, v. 12, n. 1, p. 69-100, mai. 2000.